

A influência de Nicholas Spykman nas relações contemporâneas entre EUA e Rússia: uma análise sobre a importância geopolítica da Ucrânia

Higor Ferreira Brigola¹
Vinicius Modolo Teixeira²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância da geopolítica clássica no jogo de poder entre EUA e Rússia, tendo como base as teses elaboradas por Nicholas Spykman. Para realizar esta discussão, a redação do artigo foi dividida em duas partes. Primeiramente busca-se abordar teoricamente a estratégia geopolítica de Nicholas Spykman, que foi desenvolvida no contexto da Segunda Guerra Mundial, mas continuou a nortear a política externa dos EUA no período bipolar. Na segunda parte foi realizado uma análise sobre o cenário geopolítico europeu após a Guerra Fria no tocante as rivalidades entre EUA e Rússia, evidenciando o aumento da influência estadunidense por meio da expansão da OTAN, e a importância da Ucrânia no jogo de poder entre os dois países.

Palavras Chave: Nicholas Spykman, Ucrânia, Rimland, Heartland.

Abstract

This article aims to analyze the classical geopolitical importance in the power game between the USA and Russia, based on the theses elaborated by Nicholas Spykman. To carry out this discussion, the writing of the article was divided into two parts. First, it seeks to theoretically address Nicholas Spykman's geopolitical strategy, which was developed in the context of the Second World War, but continued to guide US foreign policy in the bipolar period. In the second part, an analysis was carried out on the European geopolitical scenario after the Cold War regarding the rivalries between the USA and Russia, highlighting the increase in American influence through the expansion of NATO, and the importance of Ukraine in the power game between the two countries.

Keywords: Nicholas Spykman, Ukraine, Rimland, Heartland.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la importancia geopolítica clásica en el juego de poder entre Estados Unidos y Rusia, a partir de las tesis elaboradas por Nicholas Spykman. Para llevar a cabo esta discusión, la redacción del artículo se dividió en dos partes. En primer lugar, busca abordar teóricamente la estrategia geopolítica de Nicholas Spykman, que se desarrolló en el contexto de la Segunda Guerra Mundial, pero que siguió guiando la política exterior estadounidense en el periodo bipolar. En la segunda parte, se realizó un análisis del escenario geopolítico europeo tras la Guerra Fría en torno a las rivalidades entre EEUU y Rusia, destacando el aumento de la influencia americana a través de la ampliación de la OTAN, y la importancia de Ucrania en el juego de poder entre los dos países.

Palabras Clave: Nicholas Spykman, Ucrania, Rimland, Heartland.

1Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

2Doutor em Geografia pela (UNICAMP), professor da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT).

Introdução

A geopolítica é um campo de estudo que visa analisar as relações do Estado com o território, proporcionando para o primeiro, os meios para a sua ação política, e os princípios que o conduzam na vida política (WEIGERT, 1943). O estudo da geopolítica é dotado de uma natureza utilitarista, servindo como guia para a formulação de geoestratégias que envolvam as relações de poder entre os Estados nacionais, tendo como base os aspectos geográficos de um determinado Estado.

A chamada geopolítica clássica, período classificado por Gökmen (2010) como a “era de ouro” da geopolítica, correspondeu ao período do final do século XIX até o encerramento da Segunda Guerra Mundial. Neste cenário, a intensa rivalidade entre as potências globais como Inglaterra, Alemanha, Rússia e EUA, criaram um ambiente propício para que os estudos de geopolíticos como Halford Mackinder, Nicholas Spykman e Karl Haushofer se transformassem em geoestratégias militares que, embasadas em uma visão de mundo nacional, objetivassem o desenvolvimento ou o acúmulo de poder de seus respectivos países no cenário internacional (BRIGOLA, 2020).

Por mais que o período da geopolítica clássica tenha se encerrado com o fim da Segunda Guerra, isso não significou a obsolescência destas geoestratégias, pois o mundo não se viu liberto das disputas de poder, perpetuando então as ideias de autores geopolíticos no período bipolar assim como na atualidade. A massa continental euroasiática continua a alimentar antigas rivalidades e confronto de interesses, seja em sua porção central, a qual Mackinder classificou como *Heartland*, ou em suas faixas costeiras, a qual Spykman classificou como *Rimland*.

No período pós-Guerra Fria, a dissolução da URSS e o enfraquecimento econômico da Rússia abriu caminho para a estratégia estadunidense de aumentar sua influência militar no continente europeu por meio da expansão da OTAN, com a adesão de países que antes estavam hegemonzados pelo Estado soviético. Mesmo com o avanço da OTAN no leste europeu, a Rússia

não se mostrou acuada em defender seus interesses em sua área de influência, fato que ficou evidente no ano de 2008 com a intervenção militar russa no Cáucaso, alegando a defesa de dois enclaves separatistas pró-russos em território georgiano (Ossétia do Sul e Abkházia), e em 2014, com a ofensiva militar e anexação da península da Crimeia, antes pertencente à Ucrânia.

O ano de 2022 ficou marcado pela invasão russa à Ucrânia, classificada pelos invasores como “Operação Militar Especial” e impulsionada pelo anseio de adesão do país europeu à aliança atlântica formalizada pela OTAN. A possível entrada da Ucrânia para a OTAN, significaria um grande impasse geopolítico para a Rússia, sendo que estes países possuem economias complementares, e que sem a Ucrânia, a Rússia praticamente perderia sua influência no continente europeu.

Tendo essa discussão como premissa inicial, o presente artigo tem como objetivo analisar a importância geopolítica da Ucrânia no jogo de poder entre EUA e Rússia, utilizando como base, as teorias da geopolítica clássica, em especial a de Nicholas Spykman. O artigo foi dividido em duas partes, sendo na primeira realizada uma discussão teórica por meio de revisões bibliográficas sobre a estratégia geopolítica de Nicholas Spykman, que serviu de base para as ações estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria. Elaborou-se também um contraponto entre a teoria de Spykman com a teoria de Mackinder, outro geopolítico de renome na geopolítica clássica. Na segunda parte foi então realizado por meio de pesquisas bibliográficas uma análise sobre tabuleiro geopolítico europeu no pós-Guerra Fria, com o enfraquecimento da Rússia e a expansão da OTAN para o leste do continente e a importância geopolítica da Ucrânia neste processo à luz da teoria de Spykman.

A hipótese defendida neste trabalho é de que mesmo tão distante do período em que foram elaboradas, as teorias da geopolítica clássica ainda se apresentam como uma relevante ferramenta de análise das relações internacionais contemporâneas, mantendo sua importância na atualidade.

Spykman e a estratégia estadunidense na Segunda Guerra Mundial: o Rimland e o cerco do Velho Mundo

Nicholas John Spykman nasceu na Holanda em 1893, mas foi nos EUA que, radicado, desenvolveu seu trabalho intelectual como geógrafo e cientista político na Universidade de Yale e diretor do Instituto de Estudos Internacionais. A visão de mundo de Spykman estava embasada nos princípios da corrente realista das Relações Internacionais, na qual o sistema internacional é visto como anárquico devido à ausência de um poder dominante acima dos Estados nacionais, e por este motivo os Estados agem de modo competitivo, almejando o acúmulo de poder (MORGENTHAU, 2003). Neste campo das RI's, a elaboração de geoestratégias por pensadores geopolíticos torna-se um imperativo, com o intuito da preservação dos interesses nacionais de seus respectivos países, inseridos num cenário global marcado pela competição e potenciais conflitos militares.

Neste sentido, Spykman foi um importante formulador das estratégias geopolíticas dos EUA, feitas no contexto da Segunda Guerra Mundial e que perduram até os dias atuais. Ao desenvolver suas teorias geopolíticas, Spykman tinha em mente que diversos fatores deveriam ser levados em conta na condução da política externa de um país. Dentre eles, é possível citar: a densidade populacional, a estrutura econômica, a composição étnica do povo, a forma de governo e, também, a sua geografia. Em relação a geografia, seus escritos *Geography and foreign policy I* e *Geography and foreign policy II*, ambos publicados em 1938, apresentam a preocupação do autor com a relação dos aspectos geográficos de um Estado-nação em sua política externa, onde é destacável sua célebre frase: “ministros vêm e ministros vão, mesmo os ditadores morrem, mas as cordilheiras permanecem imperturbáveis” (SPYKMAN, 1938, p. 29, tradução nossa).

Entre os elementos geográficos destacados por Spykman, aqueles que denotaram maior atenção foram a extensão territorial, a localização geográfica, as fronteiras, o clima e a topografia. Ao analisar a extensão territorial, Spykman

fazia referência aos grandes impérios territorialmente extensos, como Egito, Babilônia, Assíria e Pérsia, ao alegar que a extensão territorial se apresenta como uma grande vantagem geopolítica, contudo, de acordo com o autor, um Estado dotado de grande território não significaria necessariamente um Estado poderoso, pois “tamanho não é força, mas força potencial” (SPYKMAN, 1938, p. 32, tradução nossa).

A posição geográfica é frisada por Spykman como o principal elemento geográfico, pois de acordo com o autor, a posição geográfica pode alterar o valor do tamanho do território, e isto contribuiu na importância histórica de pequenos Estados (SPYKMAN, 1938). Complementando, a posição geográfica:

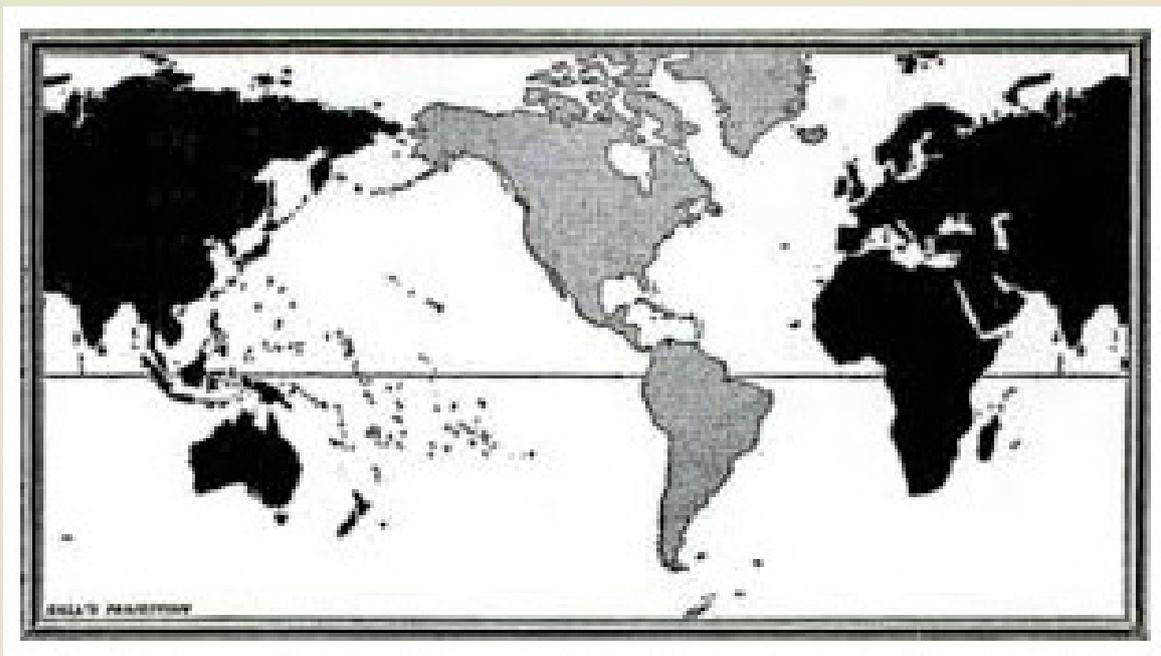
[...] condiciona e influencia todos os outros fatores pelo fato de que a localização mundial define as zonas climáticas e, portanto, a estrutura econômica, enquanto que a localização regional define inimigos potenciais e, portanto, o problema da segurança territorial e aliados potenciais e, talvez, até os limites do papel de um Estado como um participante de um sistema de segurança coletiva. (SPYKMAN, 1938, p. 40, tradução nossa)

Neste sentido, as zonas temperadas do planeta, revela o autor, seriam onde ocorreriam as principais disputas geopolíticas em escala global, sendo mais específico, nas grandes massas continentais situadas no hemisfério Norte. As relações entre a América do Norte e os dois lados do continente eurasiático seriam as linhas de base da política mundial, enquanto as relações entre a América do Sul, a Austrália e a África careciam de maior importância (SPYKMAN, 2008).

Como lembra Mello (1999), Spykman afirmava que as linhas dominantes da política mundial ocorreriam em especial em duas frentes: a primeira delas, se um poder único ou uma aliança de poderes viesse a ter o controle total da Eurásia e se projetasse nas duas costas do continente, chegando aos oceanos Atlântico e Pacífico e realizar um cerco ao hemisfério ocidental, chamado por ele de “Novo Mundo” (Figura 1). Enquanto que a segunda – que era a visão

defendida pelo autor, estava centrada na manutenção de um equilíbrio de poder no continente eurasiático, favorecendo assim a projeção dos EUA nos dois oceanos, em razão de uma potencial estratégia de cerco à Eurásia.

Figura 1: Cerco do Novo Mundo em Nicholas Spykman



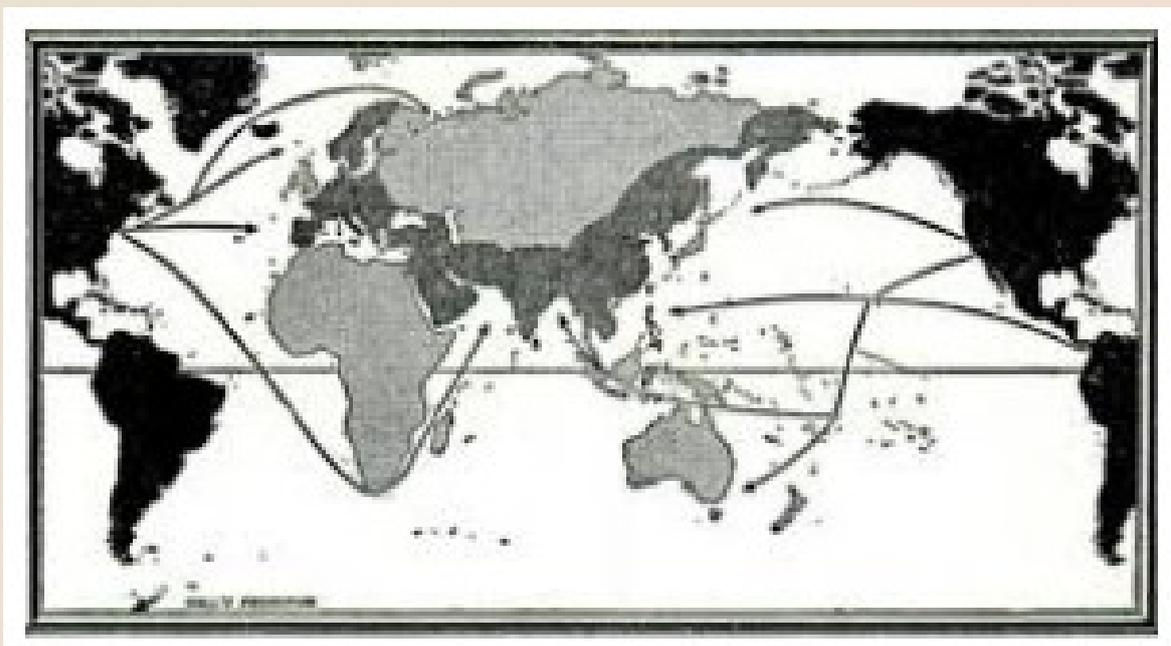
Fonte: Spykman (2008)

Alfred T. Mahan, outro grande geopolítico estadunidense, conhecido como o evangelista do poder marítimo e antecessor a Spykman, em sua obra *The influence of sea power upon History: 1660-1783*, publicada em 1890, ao escrever sobre a posição geográfica de um país afirmou que os países “insulares teriam uma grande vantagem em relação aos países continentais, basicamente por não precisarem defender suas fronteiras por terra, podendo dedicar suas atividades de defesa exclusivamente pelo mar” (BRIGOLA, 2020, p.38). Embora os EUA não sejam um país insular, sua posição estratégica com ligação aos dois oceanos por meio do Canal do Panamá seria uma grande vantagem. Contudo, no período em que Spykman escreveu sua teoria, as circunstâncias geopolíticas haviam se alterado em relação ao período de seu

conterrâneo Mahan, pois com a “ascensão de um poder aéreo com raio de ação intercontinental e transoceânico tornava ineficaz a segurança de uma posição geopolítica insular” (MELLO, 1999, p. 99). Assim, o poder aéreo fez cair por terra a crença de que a distância oceânica e uma marinha de guerra que atuasse nos oceanos Atlântico e Pacífico, seriam suficientes para garantir a segurança do país (BRIGOLA, 2020).

Neste sentido, Spykman contrariava os pensamentos isolacionistas wilsonianos em detrimento de uma postura intervencionista. Para o autor, a linha de defesa dos EUA não estaria em território estadunidense, mas nas duas costas do continente eurasiático para realizar um cerco no Velho Mundo, como é possível observar na Figura 2.

Figura 2: Cerco do Velho Mundo em Nicholas Spykman



Fonte: Spykman (2008)

O equilíbrio de poder almejado pelos EUA deveria então acontecer por meio de uma intervenção estadunidense “para evitar que se estabeleça um centro de poder excessivamente influente na Europa e no Extremo Oriente”

(TOSTA, 1984, p. 80). Não era de interesse estadunidense “um Reich alemão estendendo-se do mar do Norte até a Sibéria e muito menos um império russo que abarcasse da Sibéria ao mar do Norte” (MELLO, 1999, p. 116). Uma integração de países europeus com a projeção de poder nas duas extremidades da Europa também não agradava aos EUA, pois, do mesmo modo, ameaçaria sua segurança e sua hegemonia no Atlântico e no continente americano (MELLO, 1999).

A geoestratégia de Spykman que vislumbrou o papel dos EUA na Segunda Guerra Mundial foi escrita no livro *American's strategy in world politics*, publicado em 1942. Na obra, consta que o maior temor do geógrafo e geopolítico estadunidense estava na possibilidade de que a aliança nipo-germânica viesse a conquistar a Eurásia e cercasse o hemisfério do Novo Mundo por meio de um movimento de pinça. Como lembra Costa (2008), a Alemanha avançava em direção ao *Heartland* mackinderiano, enquanto o Japão avançava em sentido ao ocidente, através de mares marginais, assim como pelas costas dos países mais próximos. De acordo com Mello:

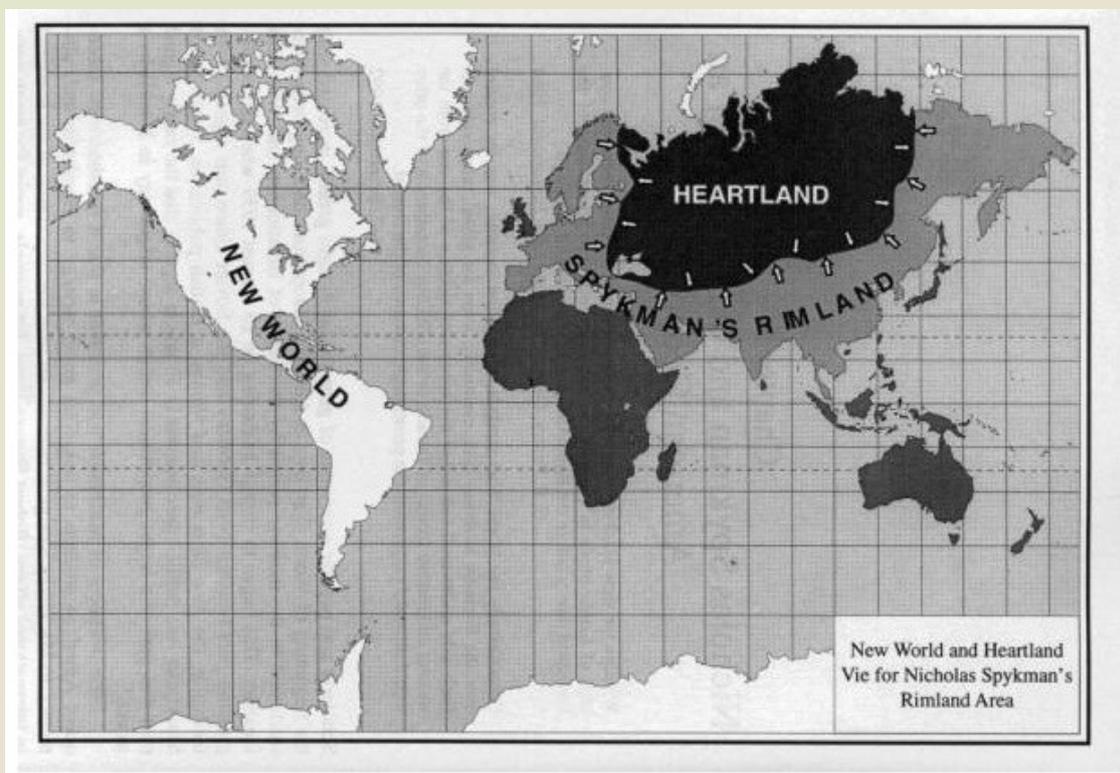
Se a constelação nipo-germânica de poder conseguisse conquistar a Rússia e a China, unificando as duas extremidades da Eurásia, poderia desenvolver um poder anfíbio, neutralizar os Estados Unidos mediante um envolvimento estratégico e suplantar a influência norte-americana no hemisfério ocidental. (MELLO, 1999, p. 109).

A estratégia geopolítica de Spykman foi revisada e publicada no livro “*Geography of the Peace*”, em 1944. Durante a produção deste material, Spykman veio a falecer, com a obra sendo compilada, editada e postumamente publicada pela Universidade de Yale. Neste livro Spykman apresentou o conceito de *Rimland* o qual praticamente rivalizou com o conceito de *Heartland* de Halford Mackinder. A influência do autor britânico para a construção de seu conceito chave é patente, tendo guiado sua visão de mundo a partir das dimensões da Eurásia.

A teoria do poder terrestre de Mackinder, alicerçada no conceito de *Heartland*, surgida no início do século e revisado pelo autor outras duas vezes, em 1919 e 1943, à luz de importantes eventos como o fim da Primeira Guerra, a Revolução Russa e a eclosão do segundo conflito mundial, transformou-se em uma das mais influentes teorias no meio geopolítico, influenciando na geoestratégia mundial ao longo do século XX.

Para Mackinder, em termos geopolíticos “quem domina a Europa Oriental controla o *Heartland*; quem domina o *Heartland* controla a *World Island*; quem domina a *World Island* controla o mundo” (apud MELLO, 1999, p. 56). Na perspectiva de Mackinder, o controle do centro da Eurásia garantiria ao seu controlador as chaves para o domínio mundial. No entanto, Spykman, por outro lado, advogava que restringindo o Estado dominante do *Heartland* ao interior da Eurásia, neutralizaria seu potencial, impossibilitando-o de exercer sua influência em outras áreas do globo. No que ficou conhecido como, *Rimland* por Spykman, seria a região onde estaria localizado o que Mackinder classificou como *Inner Crescent* (Crescente Interno), que seriam as regiões costeiras que circundam o continente euroasiático como é possível observar na Figura 3.

Figura 3 – A oposição *Heartland* e *Rimland*



Fonte: <http://www.oldenburger.us>

O *Rimland* era então visto como:

[...] uma região intermediária situada entre o *Heartland* e os mares marginais. Ele funciona como uma vasta zona amortizadora no conflito entre o poder marítimo e o poder terrestre. Com vistas para ambas as direções, ele tem uma função anfíbia e deve defender-se em terra e no mar. No passado, ele teve de lutar contra o poder terrestre do *Heartland* e contra o poder marítimo das ilhas costeiras da Grã-Bretanha e do Japão. É na sua natureza anfíbia que está a base de seus problemas de segurança. (SPYKMAN, 1944, p. 41 apud MELLO, 1999, p. 122).

Spykman discordava de Mackinder ao alegar que os últimos conflitos de ordem global não seriam necessariamente entre uma potência terrestre contra uma potência marítima, mas entre potências – continentais e insulares – aliadas contra uma ameaça originária do *Rimland*, como a França Napoleônica ou a Alemanha Guilhermina (MELLO, 1999). A visão de Spykman se

concretizou na Segunda Guerra, na qual uma aliança anglo-americana com o poder soviético – poder marítimo e poder terrestre – foi formalizada contra a ascensão da Alemanha nazista, um poder dominante no *Rimland*. Ao mesmo tempo, na Eurásia, se desenvolveu uma aliança estadunidense com a China para conter outro país do *Rimland* que se projetava com grande poder, o império nipônico (BRIGOLA, 2020). Em outras palavras, a visão de mundo de Spykman alterou o famoso ditado elaborado por Mackinder sobre a relação do *Heartland* com o domínio global: “Quem controla o *Rimland*, governa a Eurásia, quem governa a Eurásia controla os destinos do mundo” (SPYKMAN, 2020, p. 132).

Enquanto Spykman desenvolvia sua teoria, ele também observava as mudanças significativas que ocorriam na área de contato entre o *Heartland* e a *Rimland*. Antes da Revolução Russa, a Europa era dividida claramente entre uma porção ocidental industrializada e urbanizada e uma porção oriental agrária e rural. Com o advento das diretrizes impostas sob o regime comunista, já nos anos 1940, era perceptível que na Ucrânia, então república soviética, surgia um dos grandes centros industriais da URSS ao mesmo tempo em que preservava a maior área de produção de grãos da Europa em suas terras (SPYKMAN, 2008). Tal posição ganharia destaque dentro da URSS, transformando a Ucrânia no território mais dinâmico economicamente e industrializado após a Rússia.

O precoce falecimento de Nicholas Spykman em 1943 impossibilitou que o estrategista vislumbrasse os momentos finais da Segunda Guerra, ainda em curso e indefinida. No entanto, a influência de seu pensamento transcende a década de 1940, tornando-se influente até os dias atuais nos escritos de outros pensadores da geopolítica estadunidense.

Em um primeiro momento, embora os escritos de Spykman tivessem como foco o cenário da Segunda Guerra Mundial, eles tiveram grande importância durante o período da Guerra Fria, sendo elementos que influenciaram George Frost Kennan, um diplomata estadunidense que teve um

papel crucial na criação da estratégia de contenção à URSS, que viria a se chamar Doutrina Truman³. De acordo com Mello “a estratégia de contenção tem uma componente especificamente militar, que é produto da complexa e sutil combinação – uma síntese por assim dizer – dos principais aspectos das teorias do Heartland e do Rimland” (MELLO, 1999, p. 128).

A contenção à URSS no coração da Eurásia, impedindo que ela chegasse às áreas costeiras através do *Rimland*, se tornou uma das principais diretrizes da política externa estadunidense no mundo bipolar, com isso, foram formuladas iniciativas econômicas e militares para garantir a efetividade desta contenção, como a criação do Plano Marshall, e a criação de Organizações de Cooperação em Defesa, como a Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN), a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (SEATO), a Organização do Tratado do Centro, além de outras iniciativas (TEIXEIRA, 2020).

A Ucrânia sob pressão: entre o *Heartland* e o *Rimland*

Enquanto que na Guerra Fria a construção das Organizações de Cooperação em Defesa fora suficiente para pressionar a URSS em seus contornos, o fim do período da bipolaridade trouxe novos desafios aos EUA e seus aliados que continuaram a perseguir o controle das “áreas fímbrias” da eurásia. No Oriente Médio, apesar da descontinuidade da CENTO, os EUA lograram estabelecer relações próximas com países da Península Arábica e a impedir o surgimento de potências regionais questionadoras de sua posição de poder. Na Ásia, as relações com Japão e Coreia do Sul se mantiveram como pilar da posição estadunidense na região, ao passo que a crescente força chinesa se fez com a anuência e relações comerciais com os EUA, que viram no distanciamento chinês da URSS um dos mais importantes movimentos da Guerra Fria.

³ O termo Doutrina Truman surgiu por conta do discurso proferido ao Congresso dos EUA por Harry Truman, no dia 12 de março de 1947, no qual, o então presidente dos EUA anunciou seu comprometimento e dever de conter o avanço da URSS.

Já a Europa experimentou as mudanças mais significativas. O desmantelamento da URSS e dos países que a orbitavam na Europa, alinhados na estrutura do Pacto de Varsóvia fez com que a antiga Cortina de Ferro, que se estendia do Báltico ao Adriático, representando a principal fronteira de confrontação do mundo durante a Guerra Fria, simplesmente desaparecesse.

Em meio a uma crise econômica e impossibilitada de exercer sua influência nos antigos países da órbita soviética, a Rússia se viu envolvida em uma série de conflitos envolvendo cidadãos russos em territórios de antigas repúblicas soviéticas e de separatistas em seu próprio território. Como avalia Moniz Bandeira, as fronteiras das repúblicas soviéticas, e em especial as do Cáucaso, foram demarcadas arbitrariamente, tornando a região extremamente instável e suscetível a conflitos, como no Daguestão (1997-1999), no território de Nagorno-Karabakh, envolvendo a Armênia e Azerbaijão (1988-1994), da Rússia contra a Geórgia por causa dos enclaves da Abecásia (1992-1993) e da Ossétia do Sul (2008), na Inguchétia (2007), e as sucessivas guerras da Chechênia (1994-1996, 1999 e 2009) (MONIZ BANDEIRA, 2013).

A desintegração da esfera de influência soviética e a independência de suas ex-repúblicas lançou a Europa oriental em um vácuo de poder. Enquanto os soviéticos pleitearam que essa região permanecesse neutra, como é claro em um encontro reservado no ano de 1990 entre o secretário de Estado dos EUA, James Baker e o então secretário-geral Mikhail Gorbachev, os países que ficaram nessa região entre a OTAN e a Rússia não almejavam tal posição, procurando ao máximo estabelecer relações econômicas com o mundo ocidental. Aproveitando-se do ímpeto desses países, os EUA já no fim dos anos 1990 desrespeitaram as promessas não escritas com os russos e iniciaram a expansão da OTAN para o Leste europeu.

A última década do século XX apresentou uma reconfiguração do sistema mundial, com a liderança dos EUA se tornando incontestada e capaz de reorganizar regiões do globo que eram do seu interesse. Como aponta

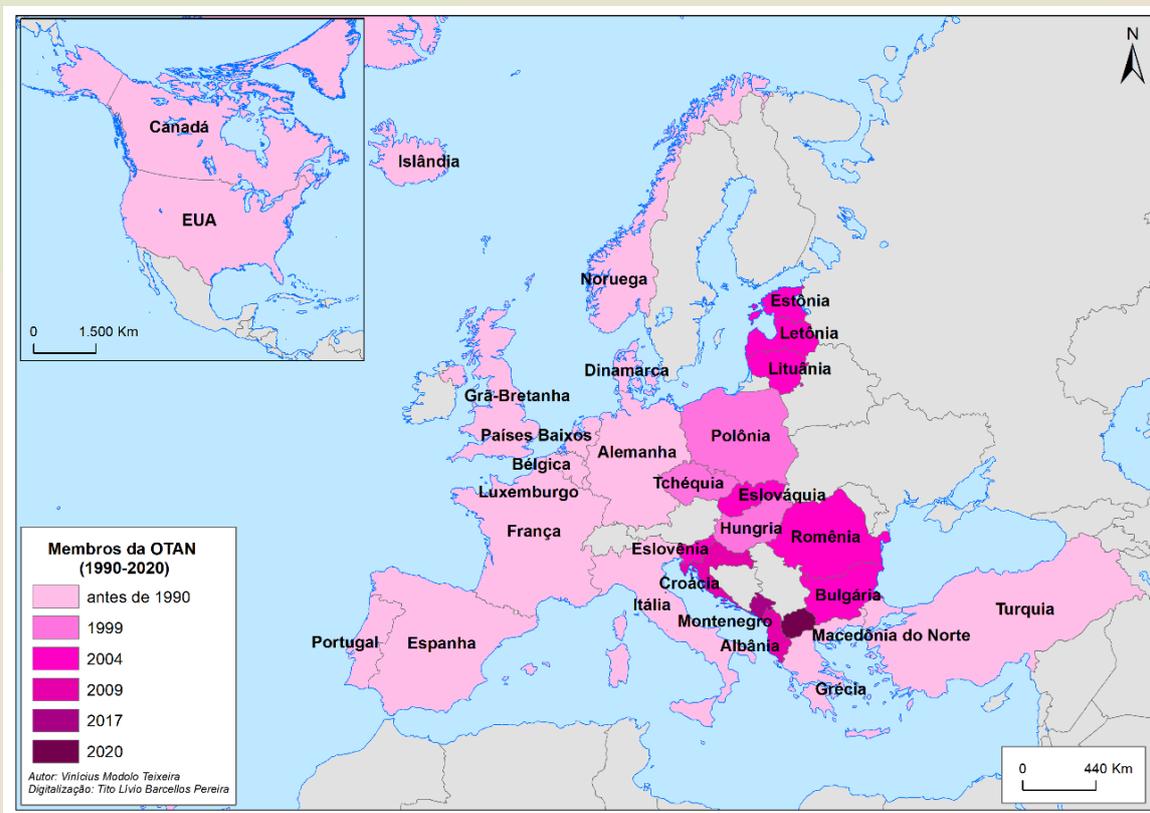
Brzezinski, naquele momento, os EUA exerciam uma poderosa influência nas três periferias da Eurásia:

A geopolítica passou da dimensão regional para a global, com preponderância em todo o continente eurasiático servindo como base central para a primazia global. Os Estados Unidos, uma potência não eurasiática, agora gozam de primazia internacional, com seu poder diretamente implantado em três periferias do continente eurasiático, do qual exerce uma poderosa influência sobre os estados que ocupam o interior da Eurásia. (BRZEZINSKI, 1997, p. 39, tradução nossa).

Com a crise econômica e política que a Rússia vivia, a virada do século XX para o XXI se inicia com o recuo do país para o interior da Eurásia e em meio a questões internas e externas envolvendo fronteiras, separatismo e defesa de cidadãos em territórios vizinhos, ao mesmo tempo em que os EUA e a OTAN, ampliam sua área de atuação, promovendo o cerco ao velho mundo a partir de na sua área mais importante, a Europa. A Europa Central e países do Leste, que se pensavam permanecer neutros, foram todos incorporados à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Mapa 1).

Enquanto a maioria dos países que antes orbitavam a URSS ou dela faziam parte foram incorporados pela OTAN e pela União Europeia, a Ucrânia, maior país da Europa a estar unicamente no continente, permaneceu associado à Rússia até o início dos anos 2000. Contudo, o país não passou por esse período sem sofrer assédio do ocidente. Spykman, falando nos anos 1940, reconhecia a importância da Ucrânia para a Europa, já que a “Ucrânia é a única grande área da Europa que produz um excedente exportável de grãos, e a tecnologia e a agricultura aprimoradas poderiam torná-la novamente o que era no século XIX, uma importante fonte de trigo para a Europa Ocidental” (SPYKMAN, 2008, p. 120).

Mapa 1: Expansão da OTAN no Pós-Guerra Fria



Fonte: TEIXEIRA; BLUM, 2022.

A Ucrânia, após emergir independente nos anos 1990 conservava, além do seu potencial agrícola, parte importante do parque industrial que antes pertencera à URSS. Outra questão bastante relevante para os anos 1990 era o arsenal deixado no país, sendo que um terço das ogivas nucleares que antes haviam pertencido aos soviéticos permanecia no país (MONIZ BANDEIRA, 2016). Do ponto de vista estratégico, a desnuclearização da Ucrânia foi uma das pautas da primeira metade dos anos 1990, a qual envolvia, de um lado, os EUA, interessados em suprimir a existência de mais um país de posse de armas atômicas e, de outro, a Rússia, interessada em reaver esse arsenal e não dividir essas capacidades na região.

Os EUA e seus aliados europeus, reconhecendo a importância da Ucrânia para o contexto continental, iniciaram o assédio ao país ainda nos

anos 1990, quando estava profundamente ligada à economia russa. O primeiro movimento foi incluir o país na lista de Parceria para a Paz (*Partnership for Peace*), programa que incluiu praticamente todos os antigos membros do Pacto de Varsóvia, incluindo a Rússia, visando estabelecer parcerias bilaterais entre esses países e a OTAN. Enquanto para outros países o PFP representou a antessala para entrada na organização, para a Ucrânia, a proximidade com a Rússia representava um impeditivo.

Os estrategistas estadunidenses tinham ciência da importância da Ucrânia para a Rússia. Os dois países eram economias complementares, onde a Rússia adquiria material industrializado necessário para seu próprio parque industrial, processo derivado dos tempos soviéticos, a Ucrânia importava do mercado russo equipamentos e alimentos mais baratos do que nos países ocidentais. Além da complementariedade econômica, a Rússia dependia do território ucraniano como ponto de passagem para grande parte de seus dutos de gás e óleo com destino a Europa ocidental. Como afirma Brzezinski:

A Ucrânia, um novo e importante espaço no tabuleiro de xadrez euroasiático, é um pivô geopolítico porque sua própria existência como um país independente ajuda a transformar a Rússia. Sem a Ucrânia, a Rússia deixa de ser um império eurásiano. A Rússia sem a Ucrânia ainda poderia lutar pelo status imperial, mas então se tornaria predominantemente um Estado imperial asiático, mais propenso a ser arrastado para conflitos debilitantes com países da Ásia central [...] (BRZEZINSKI, 1997, p. 46-47, tradução nossa).

Com a crescente expansão da OTAN rumo às fronteiras russas, associadas à criação de outras Organizações de Cooperação em Defesa como reação às ações ocidentais, a saber a Organização de Cooperação de Xangai e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva, a Ucrânia passou a uma situação de isolamento entre essas grandes alianças, sobrando como importante ativo em meio ao jogo de grandes potências. Nesse sentido, como comenta Spykman:

É evidente que a política do equilíbrio de poder é, em primeiro lugar, uma política para uso de grandes potências. Os pequenos estados, a menos que se unam entre si, não podem ser mais que pesos da balança usada pelos outros [...] O pequeno Estado é um vazio na área de alta pressão política. (SPYKMAN, 2008, p. 27, tradução nossa).

Estando em uma área de alta pressão política, a Ucrânia sofreu com as chamadas Revoluções Coloridas (KORYBKO, 2018) por ao menos duas vezes nos últimos vinte anos. Frente a uma polarização política fruto de sua divisão populacional e territorial, a Ucrânia foi exposta a crises políticas patrocinadas por interesses externos, visando ou o domínio de seu território, ou sua divisão. Essas polaridades se materializaram sobre as governanças do país, expondo a Ucrânia a eleições questionadas, disputadas entre políticos pró-ocidente versus candidatos pró-Rússia.

A expressão dessas crises se deu pelas crises que foram batizadas de “Revolução Laranja”, entre 2004 e 2005, que levou à eleição de Viktor Yushchenko, levando a Ucrânia a uma aproximação com a Europa e o distanciamento da Rússia. No entanto, a próxima eleição, em 2010, levou ao poder Viktor Yanukovych, candidato que havia concorrido com Yushchenko anteriormente e era ligado a setores pró-Rússia. Sua legislação foi interrompida em 2014, após uma série de protestos que ficaram conhecidos como “*EuroMaidan*”, motivados por manifestantes que queriam a assinatura de acordos com a União Europeia. Ambos os processos podem ser associados às chamadas Guerras Híbridas, da forma que aponta Korybko (2018).

As crises subsequentes e influência externa de grupos divergentes que nutriam interesse sobre a Ucrânia, tiveram seu último episódio em fevereiro de 2022, quando a Rússia invadiu o país, no que ela auto intitulou de “operação militar especial”, levando a uma disputa ainda em curso e sem desfecho aparente. O futuro do território da Ucrânia, ainda incerto, dependerá mais do que nunca da força de interesses externos, impulsionados por teorias clássicas da geopolítica e novas formas de sua aplicação.

Considerações Finais

O estudo da geopolítica se valida a cada dia, dada a necessidade de compreender as ações e interesses das grandes potências no atual contexto de disputas a nível mundial. Para tanto, recorrer aos clássicos produzidos durante o século XX é um trabalho necessário e elucidante, que apontam para a importância de determinados territórios para as estratégias de dominação das grandes potências mundiais. Nesse sentido, a Ucrânia revela-se valiosa tanto para os países ocidentais, interessados em aprofundar sua influência no interior da Eurásia, como para a Rússia, impedindo que o ocidente avance para suas áreas de interesse imediato.

O presente conflito, apesar de expressar condicionantes do momento atual, tem seus fundamentos ancorados na geopolítica clássica. Tal como apontamos ao longo do texto, a disputa entre os territórios do *Heartland* e o *Rimland*, conceitos derivados respectivamente do pensamento de Halford Mackinder e Nicholas Spykman, estiveram presentes nos principais conflitos do século XX, e agora, no século XXI, continua a se mostrar influente, demonstrando o vigor desse debate para a geopolítica hodierna.

Referências

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard**. Nova York, Basic Books, 1997.

BRIGOLA, Higor Ferreira. **As relações geopolíticas dos EUA com a América do Sul na gestão de Barack Obama (2009-2016): continuidade ou rupturas na política externa estadunidense?** 2020.383f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2020.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia política e geopolítica: discursos sobre território e o poder**. São Paulo: Edusp, 2008.

GÖKMEN, Semra Ranâ. **Geopolitics and the study of international relations**. 2010. 239f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of International Relations, Middle East Technical University, Ancara, 2010.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo, Expressão Popular, 2018.

MACKINDER, H. J. **The Round World and the Winning of the Peace**. Foreign Affairs, vol. 21, n. 4, July, 1943.

MEIRA MATTOS, Carlos de. **Geopolítica e modernidade**: a geopolítica brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da Geopolítica?** São Paulo: Edusp; Hucitec, 1999.

MONIZ BANDEIRA, Luiz A. **A Segunda Guerra Fria**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

_____. **A Desordem Mundial**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2016.

MORGENTHAU, Hans. **A política entre as nações**: a luta pelo poder e pela paz. Brasília: UNB, 2003.

SPYKMAN, Nicholas John. **Geography and foreign policy I**. The American Political Science Review, v. 32, n. 1, p. 28-50, Feb. 1938.

_____. **America's Strategy in World Politics**. New Brunswick: Transaction Publishers, 2008.

_____. **A Geografia da Paz**. São Paulo, Hucitec, 2020.

TEIXEIRA, Vinicius Modolo. **Geopolítica das Organizações de Cooperação em Defesa**. Boa Vista, Editora da UFRR, 2020.

TEIXEIRA, V. M.; BLUM, G. G. Ventos de Guerra na Europa e a Hipocrisia das Grandes Potências Ocidentais. In: Eloi Martins Senhoras (Org.). **Ucrânia sob fogo cruzado: discursos, ações e repercussões**. Boa Vista: IOLE, 2022, V. 1, p. 55-85.

TOSTA, Octavio. **Teorias Geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

WEIGERT, H. W. **Geopolítica**: generaliz y geógrafos. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1943.

Recebido em 13.07.2022.

Publicado em 30.07.2022.